



CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

Sessão Colecionadores de Raridades (ao piano)

com a atriz Leonor Cabral e acompanhamento ao piano por Catherine Morisseau

GATOS / 1934

Realização e Fotografia: Manuel Luís Vieira / **Produção:** H. da Costa (Portugal, 1934) / **Distribuição:** Bloco H. da Costa / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital (preservação de 1993, a partir de uma cópia em nitrato), preto e branco, muda / **Duração:** 7 minutos.



CARNAVAL NO PARIS / 1935

Realização e Fotografia: Manuel Luís Vieira / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital (preservação de 2001, a partir de uma cópia em nitrato), preto e branco, muda / **Duração:** 7 minutos.



TOSQUIA DE OVELHAS NO PAÚL DA SERRA / 1937

Realização e Fotografia: Manuel Luís Vieira / **Produção:** Empresa Cinegráfica Atlântida (Portugal, 1937) / **Produtor:** Manuel Luís Vieira / **Distribuição:** Continental Filmes / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital (preservação de 2003, a partir de uma cópia em nitrato, depositada na Cinemateca pelo Teatro José Lúcio da Silva), preto e branco, muda / **Duração:** 6 minutos.



ESCALADA À TORRE DOS CLÉRIGOS / UM CHÁ NAS NUVENS / 1917

Realização e argumento: Raul Caldevilla / **Director de fotografia:** Manoel Cardoso Pereira / **Produção:** Invicta Film (Porto) / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital / **Duração:** 9 minutos / **Estreia mundial:** Lisboa (Chiado Terrasse), 24 de outubro de 1917



BOMBEIROS MUNICIPAES LISBOA / 1907

Realização e fotografia: João Freire Correia / **Produção e laboratório:** Cardoso & Correia / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital, preto e branco, muda (preservada em 1993 a partir de uma cópia de época) / **Duração:** 11 minutos / **Estreia mundial:** Salão Ideal (Lisboa), 2/3 de junho de 1907.



Em colaboração com o PLAY – Festival Internacional de Cinema Infantil e Juvenil de Lisboa, a Cinemateca abre os cofres do seu arquivo, numa sessão rara e invulgar com um pequeno conjunto de filmes curiosos. São cinco curtas-metragens mudas, realizadas entre 1907 e 1937, que irão proporcionar uma viagem no tempo ao Portugal de antigamente. Os primeiros três filmes são da autoria do madeirense Manuel Luís Vieira, pioneiro do cinema mudo português nos anos 20 e 30, fundador da Madeira Film e da histórica loja Casa Pathé, no Funchal. A nossa sessão inicia, no entanto, em Lisboa, onde Manuel Luís Vieira realizaria GATOS, uma breve crónica sobre os simpáticos habitantes de quatro patas, percorrendo as casas e ruas da capital. Das mansões aristocráticas aos passeios das ruas, descobre-se um pouco de Lisboa pelos felinos da cidade.

Continuando na cidade, iremos a um espaço infelizmente já desaparecido (como muitas das salas de cinema do século XX) na Rua Domingos Sequeira, perto do Jardim da Estrela: o cinema Paris. Pela ocasião do Carnaval de Lisboa, Manuel Luís Vieira viria a filmar os desfiles de 1935, 37 e 38, registando em modo de reportagem as expressões do Carnaval. Para a posteridade, ficaram aqui imortalizados os olhares das crianças premiadas pelos melhores disfarces carnavalescos, nesta matiné infantil de 1935, umas tímidas e outras festivas.

Como que dentro de um sonho, o terceiro filme que hoje apresentamos leva-nos então à pérola do Atlântico, numa realidade ainda mais distante, com a memória do universo rural da Ilha da Madeira, na fascinante TOSQUIA DE OVELHAS NO PAUL DA SERRA. Todos os anos, as tosquias representavam momentos de grande relevância social e económica na ilha, com um ambiente festivo e familiar, reunindo vastas multidões em passeio entre os pastores e os criadores de ovelhas. O Paul da Serra foi um dos principais currais de tosquia ao longo da cordilheira e hoje, no século XXI, preserva-se ainda a memória histórica do património cultural destes antigos currais. Este filme transporta-nos diretamente para um destes encontros.

Iremos da Madeira para a Invicta, onde se registou um momento extremamente invulgar e mediático na cidade do Porto com a ESCALADA À TORRE DOS CLÉRIGOS, um filme com um título alternativo de cadência bem mais poética, UM CHÁ NAS NUVENS. Este filme documenta uma ação publicitária de uma casa comercial da cidade do Porto que, em 1917, contratou dois “alpinistas” que subiram destemidamente a Torre dos Clérigos. Sem recurso a cordas ou quaisquer outros equipamentos de segurança, dois acrobatas espanhóis, José e Miguel Puertollano (pai e filho), escalaram a torre e tomaram um chá, acompanhado das bolachas que ali promoveram. Do topo dos Clérigos, na celebração deste feito, lançaram folhetos publicitários alusivos à marca das bolachas perante uma multidão que encheu as ruas da cidade. O filme acompanha cronologicamente os vários passos que os conduziram a esta proeza, reconstituindo a reunião inicial até ao dia em sobem a famosa torre, num filme que demonstra já um conhecimento sólido de técnicas de realização avançadas para a época, com uma narrativa fílmica bem estruturada. Esta proeza atraiu milhares de pessoas ao centro do Porto e a família Puertollano viria depois, ainda em 1917, a repetir esta façanha em Lisboa, quando escalaram a Basílica da Estrela, um feito que ficou também registado num outro filme intitulado DESAFIANDO A MORTE.

E o último capítulo musical desta viagem no tempo leva-nos à película mais antiga desta pequena coleção, os BOMBEIROS MUNICIPAES LISBOA, de 1907. Este pequeno filme demonstra um exercício da companhia de bombeiros a cada passo, começando na chamada de alerta, com a saída de emergência a partir das suas instalações (que, mais de cento e vinte anos depois, continuam ativas na Avenida D. Carlos I) até ao local do incêndio, onde se dá o salvamento. Encerra-se assim esta sessão de raridades do cinema, onde são nítidas as muitas diferenças entre as imagens a preto e branco e as realidades do nosso século XXI. No entanto, há algo nesta sessão que nunca mudou. Perante estes pequenos filmes, partilhamos com os espetadores daquela época o mesmo olhar curioso e encantado, pois é com o cinema que entramos pelas portas da história.